

ESCREVER HIPERTEXTO¹

Susana Pajares Tosca²

Tradução de *Maria Lúcia da C. V. de Oliveira Andrade³*

Introdução

Estas páginas são uma breve reflexão sobre o que significa escrever hipertexto e surgem, acima de tudo, devido à experimentação com o meio. Não pretendemos deixar de lado a teoria existente sobre o tema, mas, no que se refere ao hipertexto, está começando a haver mais teoria do que prática; assim, pensamos que pode ser útil a comunicação de uma experiência em primeira mão.

1. O que é hipertexto

O hipertexto é basicamente um texto não-linear em que o leitor tem a possibilidade de “navegar” a seu gosto. A metáfora faz referência ao fato de que a tecnologia informática possibilita o hipertexto, ou seja: um texto na tela unido a outros textos através de nexos que o leitor ativa a vontade saltando livremente de um fragmento a outro.

A experiência de ler hipertexto já é familiar para quase todos nós, usuários do computador, pois até o sistema de ajuda dos programas operacionais atuais é um hipertexto com janelas que vamos abrindo segundo nossas necessidades. Ou-

¹ Artigo publicado em *La lengua y los médios de comunicación*. Vol. 2, organizado por Joaquín Garrido Medina, para as Actas del Congreso Internacional, Universidad Complutense de Madrid, 1996, p. 575-82.

² Professora da Universidad Complutense de Madrid.

³ Professora da Área de Filologia e Língua Portuguesa – FFLCH-USP.

tro hipertexto conhecido é a própria Internet, com seus milhões de páginas conectadas para que cada um siga o caminho que deseje.

Assinalamos a não-linearidade como característica principal do hipertexto, a ela se refere Jay David Bolter quando fala de “escritura espacial” (Bolter, 1991:159). A escritura espacial está diretamente relacionada com a literatura moderna desde que esta trata de romper a linearidade, ignorar o argumento relativo ao século XIX e buscar novas formas de expressão para as quais são necessários leitores especialmente ativos. Bolter cita autores como Sterne, Joyce, Cortázar ou Borges. Todos estes escritores nos tornam especialmente conscientes dos procedimentos textuais, ou seja, obrigam-nos a ler a estrutura do texto e não apenas o seu conteúdo. Bolter afirma:

Todos nossos escritores topográficos na página impressa (...) são escritores “difíceis”, e a dificuldade está em que desafiam o leitor a ler multiplamente. Chamam a atenção do leitor sobre o doloroso contraste entre o fluxo temporal de acontecimentos narrados e as interrupções e retrocessos que o ato de escrever impõe nesses acontecimentos (Bolter, 1991: 143).

Com efeito, os séculos de linearidade também pesam em nós como leitores. É custoso para nós ler estas obras, acostumados quase imperceptivelmente a argumentos homogêneos de causa e efeito e a uma ordem determinada em narrativa, apesar dos muitos escritores que tentaram romper esta uniformidade.

Como escritores também vemos de forma mais “natural” o modo linear. Além disso, o fator que torna esses escritores difíceis exige um maior esforço para um resultado incerto. Se o hipertexto é herdeiro desta forma de escrever, (e não insinuamos que qualquer hipertexto tenha o valor de um Joyce, senão que ambos tentam a ruptura da linearidade), encontrar-se-á sem dúvida com os problemas que supõe superar a não-linearidade, uma dificuldade acrescentada à tarefa de escrever. Que novas questões podem ser estabelecidas?

2. A ferramenta determina o modo de escrever

Toda escritura é um modo de tecnologia, desde os primitivos monolitos à tela do computador, passando pela tabuinha de cera, o papiro, e muitas outras ferramentas de escritura entre as que se inclui o livro impresso. O suporte deter-

mina o modo em que escrevemos para ele e nossa atitude como leitores, (cf. autores como McLuhan e Ong), e o fato de que o livro nos parece mais natural que o computador é talvez somente questão de tempo.

A escritura eletrônica não é nenhum meio antinatural ou desumanizado, mas apenas a última etapa da evolução de tecnologias da escritura, em cuja história sempre se receberam as novidades com certo receio.

Nesse processo, a escritura eletrônica dá nova vida a tecnologias marginais do passado. A escritura eletrônica compartilha com a tabuinha de cera a capacidade de mudar rapidamente. Com a máquina de escrever compartilha o teclado (ao menos de momento), sua seleção de elementos alfabéticos e sua uniformidade mecânica. O computador pode servir de fotocopiadora, de agenda, de calendário ou de máquina de teletipos. De fato, é difícil pensar em uma tecnologia marginal na história da escritura que o computador não possa imitar, da mesma maneira é difícil imaginar uma tecnologia dominante (o rolo de papiro, o códice, o livro impresso), cujos elementos não tomem emprestado e reinterprete o computador (Bolter, 1991: 140).

É fácil dar-se conta de que não pode ser o mesmo escrever em papiro ou em um livro impresso, não somente a estrutura, mas também os conteúdos vêm-se afetados pelo suporte a que se destina o texto.

O escritor de hipertexto se vê diante de três tipos de mudança: técnicos, estruturais e conceituais. Os primeiros têm a ver com seu suporte: a escritura eletrônica no computador. Os outros dizem respeito ruptura da linearidade a que nos referimos anteriormente como característica essencial do hipertexto.

2.1 Mudanças técnicas

Para escrever hipertexto necessitamos saber utilizar um computador, ao menos os programas que nos permitem escrever texto com nexos, já seja destinado a sua difusão na Internet (HTML) ou para outros meios de transmissão: disquete ou CD-ROM (programas como *Storyspace*).

Isso significa que o escritor de hipertexto é seu próprio editor. Não é normal escrever fragmentos lineares e dar a outro para que os organize hipertextualmente, porque os fragmentos vão-se organizando ao mesmo tempo em que são escritos, e um escritor que ignora a “edição hipertextual” de seus textos não seria capaz de tirar partido do meio.

Antes, o escritor somente devia ocupar-se de escrever, de organizar idéias e enlaçar frases, a mão, a máquina ou com um processador de textos, com nenhuma decisão definitiva sobre a edição do produto final, (normalmente um escritor não controla a tipografia do livro que imprimirá seus textos, por exemplo).

No hipertexto, por outro lado, tudo são decisões significativas. Se bem que a tipografia e a disposição do texto em parágrafos, etc., sempre tiveram sua importância o ideal do texto impresso era que esses elementos se fizessem invisíveis para não interferir na leitura. E isso denomina Bolter, "olhar através do texto", ou seja, ir diretamente ao conteúdo. Pelo contrário, o hipertexto propõe que se "olhe o texto", tornando o leitor consciente de que as decisões na edição também têm uma carga semântica.

Por isso é imprescindível que o autor do hipertexto seja seu próprio editor, pois não pode deixar nas mãos de outros uma parte importante do processo de composição do texto.

Michael Shumate é um pesquisador especializado em hipertexto, além de ser um escritor com experiência no novo meio; em sua tese hipertextual publicada exclusivamente na Internet, *Writing Spaces*, Shumate apresenta uma lista de todas as tarefas que teve de realizar para criar sua tese:

- Pesquisar (Facilitada pela eletrônica e não o contrário);
- Escrever prosa (Isto é o único de que se ocuparia um escritor tradicional);
- Transformar o texto em HTML (Operação dificultosa de pôr marcas linha por linha. O HTML é a linguagem que permite que um texto seja publicável em forma hipertextual, neste caso na Internet);
- Escanear imagens (O neologismo significa converter imagens em arquivos digitais através do scanner);
- Converter formatos de imagens (Para criar "mapas conceituais" onde os usuários podem "cliquear" com o mouse para ir a determinadas partes do trabalho);
- Desenhar imagens;
- "Baixar" programas da Internet, configurá-los, provar software diverso (incluindo navegadores, editores de HTML e programas de desenho de imagens);
- Editar gráficos;
- Converter arquivos (de um sistema a outro ou entre computadores).

Vendo esta lista, o trabalho que um escritor de hipertexto tem de realizar parece enorme, e em certo sentido o que ocorre é que algumas dessas tarefas devem ser feitas apenas uma vez (como aprender a usar um programa que logo servirá para fazer muitos textos), e outras se automatizam. Como novos renascentistas, os escritores de hipertexto devem ser capazes de dominar várias linguagens (a oral, a escrita, a visual, a informática...) e de combiná-las para construir seu texto.

Shumate confia em que o tempo que se dedica às atividades que poderiam ser consideradas periféricas se reduzirá com a próxima geração de ferramentas (mais eficientes) ou com a divisão de tarefas. Ainda assim, é fácil deduzir que o tempo consagrado a escrever texto no modo tradicional se vê enormemente reduzido quando o escritor precisa ocupar-se de muito mais coisas. Um escritor hipertextual é muito mais consciente de sua ferramenta do que um escritor tradicional, isso lhe tira tempo, mas também lhe permite manipular a ferramenta de um modo inimaginável na escritura linear. Escrever hipertexto é mais trabalhoso que escrever texto, aí termina a comparação, pois o resultado é outro.

No momento, as hiperficcões que há na rede são basicamente textuais, com as imagens como meras ilustrações. Muito poucas incorporam som ou mapas conceituais criativos. Creemos que isto se deve a que estamos em uma etapa inicial e os escritores de hiperficcão vêm do mundo linear, com o qual se sentem mais cómodos trabalhando quase exclusivamente com textos. Mas gradualmente irá aumentando a soltura destes experimentadores no novo meio e iremos vendo hiperficcões cada vez menos parecidas com livros.

2.2 Mudanças estruturais

Referimo-nos, nesta parte, ao modo de organizar as seqüências de texto. Esta organização já não pode ser linear, senão que para permitir ao leitor mover-se livremente escolhendo seu próprio caminho de textos é preciso buscar estruturas novas e móveis, fugindo dos caminhos prefixados.

A primeira consequência da ruptura da linearidade é a atomização do texto, pois já não interessa unir as diferentes idéias em uma seqüência lógica ou temporal, mas sim deixar o leitor decidir que critério unificará os espaços de texto, segundo ele os vai enlaçando livremente. Por isso no hipertexto os distintos espaços do texto não costumam ter mais de uma página. Esta explosão em muitos

pequenos espaços determina a forma com que escrevemos, de modo que se pode falar de um estilo anti-empolado, de condensação de idéias e palavras, evitando períodos excessivamente grandes e perífrases desnecessárias. Nos hipertextos de ficção, isto leva a uma poetização da prosa muito perceptível: dizer pouco (em extensão) e sugerir muito. Nos outros hipertextos, por exemplo a tese de que falamos anteriormente, a atomização obriga a concentrar as idéias em frases carregadas de pensamento, frases intensas que são quase aforismos.

Imaginemos que esta multidão de pequenos espaços de texto são as cartas de um baralho. Quando falamos da liberdade do leitor, não queremos dizer que este possa embaralhar as cartas e ir tirando em qualquer ordem (embora algumas hiperficções queiram ser lidas assim). O autor deve dispor as cartas conectando-as entre si de modo que haja múltiplos caminhos e formas de ir de uma a outra, de naípe a naípe, de cifra a cifra... O hipertexto não é a ausência de ordem, mas sim outro tipo de ordem.

Organizar os textos de maneira que haja escolha é muito mais trabalhoso que ir encadeando linearmente. Se um autor não quer que os textos que o leitor pode ir escolhendo se repitam, terá de escrever um hipertexto "ramificado", por exemplo, do primeiro bloco saem três para escolher, de cada um destes três, outros três, dos nove, três de cada um... Mas este sistema é muito desaconselhável, o crescimento exponencial dos textos não iguais o faz praticamente impraticável, por isso os autores devem resignar-se a que fragmentos podem ser repetidos (ao estarem conectados a vários textos). A chave de uma boa organização hipertextual está nos nexos ("links") que devem ser o suficientemente abundantes como para permitir liberdade ao leitor, mas não tantos que o desorientem e, sobretudo, significativos. É preciso evitar que um leitor "clicle" umnexo e apareça uma página em que se pergunte como chegou até ali ou por que está conectada a anterior; as conexões precisam ter sentido.

Se desenhássemos em um papel um esquema dos textos de um hipertexto unindo-os com as linhas que são os nexos, obteríamos algo parecido com um mapa de estradas em que há várias formas de ir ao mesmo lugar e distintos caminhos entre dois pontos. De fato, para um escritor de hipertexto esta ajuda visual é fundamental. Uma das chaves do êxito de *Storyspace*, um programa para escrever hipertexto, é que a sua facilidade para fazer nexos entre textos independentes une a possibilidade de visualizar a estrutura de nosso hipertexto em um mapa formado por quadros de texto minimizados e as linhas que os unem.

Para os escritores de hipertexto é familiar a sensação de perda quando o mapa cresceu tanto que começam a confundir-se as linhas que vão de um espaço a outro. O mais difícil é recordar porque fizemos tal nexos. Podemos tentar controlar o crescimento de nosso hipertexto utilizando cores para agrupar nexos tematicamente, ou dando nomes significativos aos nexos. Em qualquer um dos casos é muito difícil controlar o resultado, pois o conjunto parece exigir vida, com os fragmentos chamando a outros fragmentos sem nossa intervenção. Em termos ideais, isto é o que se pretende, que o leitor possa acrescentar também seus próprios nexos à rede que lhe preparamos.

Como iniciar o hipertexto? Para Keep e McLaughlin é muito mais fácil abolir o final de uma obra do que seu início, não há forma de evitar que uma tela apareça primeiro. Segundo os autores, há várias possibilidades:

- Apresentar uma fachada com informação sobre o autor e a publicação;
- Começar com a primeira página do primeiro capítulo do mesmo modo que uma narrativa linear;
- Começar com um mapa conceitual para que o leitor escolha onde iniciar e o caminho a seguir;
- Começar com um texto selecionado aleatoriamente;
- Apresentar uma caixa de diálogo ou outro mecanismo que force o leitor a tomar uma decisão para explorar o hipertexto, por exemplo, escrever uma palavra que trará para a tela o primeiro texto que a contenha.

De nossa parte, não consideramos particularmente preocupante o problema do início do hipertexto. Apesar de ser forçosamente uno, não é construtivo da liberdade do leitor, porque depois caminhos diferentes se abrem. Para Keep e McLaughlin, é importante se a leitura pode ser repetida ou não; todas as opções anteriores permitem repeti-la, exceto o começo aleatório.

O autor precisa preocupar-se além do final, tarefa difícil quando não se sabe exatamente o que terá lido um leitor quando chega ao último nexos, (corre-se o risco de que o final não tenha sentido). Por isso costumam-se construir vários finais, um para cada um dos possíveis caminhos. Keep e McLaughlin consideram outra três opções:

- Os nexos nunca se acabam, mas chega um momento em que começam a se reciclar textos até que o leitor se cansa da repetição;
- O caminho volta ao primeiro texto, completando uma narração cíclica;
- O caminho conclui oscilando entre dois textos ou mais.

Concordamos com estes autores em que, qualquer que seja a opção escolhida, o importante é que o leitor tenha a sensação de ter terminado algo quando se encontra com o final da hipernarração. Isso não quer dizer que necessite ter lido todos os textos ou percorrido todos os caminhos, simplesmente, que o seu terminou. O escritor deve considerar cuidadosamente todos os caminhos possíveis que seu hipertexto oferece antes de oferecer um (uns) final (-is) plausível (-veis).

Resumindo, a dificuldade de organizar um hipertexto radica em achar nexos com sentido que conectem os textos e que permitam ao leitor escolher seus próprios caminhos. Evidentemente, o processo de escritura é mais trabalhoso que o de um texto linear, pois manter o controle sobre um texto naturalmente expansivo exige de nosso juízo mais atenção que procurar adaptar idéias a uma linha constante de pensamento organizativo.

2.3 Mudanças conceituais

A ruptura da linearidade e a autonomia dos leitores que propugna o hipertexto nos obrigam a transformar conceitos básicos como a condição de texto ou a relação autor-leitor. O autor do hipertexto não apenas deve preparar o caminho para que o leitor seja ativo, mas também perde o controle sobre sua obra de um modo muito mais agudo que o escritor linear. Se uma obra impressa provoca inúmeras reações de diverso signo, imaginemos o que acontecerá com os hipertextos se não se pode estar seguro de que os leitores tenham lido o mesmo texto físico.

Para nós, a mudança mais significativa é a nova preeminência do pensamento associativo sobre o lógico (dedutivo ou indutivo) na não-ficção, e sobre o temporal-causal (os pilares do desenvolvimento argumental) na ficção.

Ao esquecer o argumento ao estilo tradicional, a hiperficção se assemelha aos escritores "difíceis" dos quais falamos ao princípio. As novas necessidades organizativas determinam também o conteúdo dos hipertextos. Um escritor hipertextual não pode fazer uma novela comum, precisamente porque a essência da novela é espaço-temporal, um ir passando páginas inevitável que faz com que umas coisas ocorram antes e outras depois. As hiperficções não podem ser novelas, porque os espaços que as configuram devem poder ser lidos em mais de uma ordem, inclusive é preciso prever a possibilidade de que não se leiam todos os espaços. As hiperficções que conhecemos são em sua maioria prosa poética que prescindem de um argumento mas que mantêm constantes como os personagens.

O escrito de hipertexto deve exercitar seu pensamento associativo, e isto não é fácil para nós, filhos da imprensa, pois toda nossa educação foi encaminhada a potenciar o pensamento lógico-causal. Temos de recuperar a faculdade infantil de ir enlaçando assuntos, de "desviar do tema", deixando a mente trazer aquelas idéias que lhe apeteça trazer, sem forçá-la por uma necessidade estrita de continuidade temática ou temporal. As associações são às vezes contraditórias em relação com o resto, também podem aparecer enlaçados pontos de vista opostos ou múltiplos enfoques do mesmo... Tudo cabe em um hipertexto, e nem sequer o autor tem a última palavra.

Considerações Finais

Escrever hipertexto não é escrever texto linear. Nem o escritor se comporta igual, nem as operações mentais e técnicas necessárias são as mesmas, nem sequer as linguagens empregadas são equivalentes. O resultado não pode pois ser comparado em termos de igualdade.

Essa simples observação vem à tona porque interessa destacar que o hipertexto não vem para matar o livro impresso, nem a hiperficção para eliminar a novela. Embora uma seja filha do outro, suas funções e possibilidades são distintas e não há porque se incomodar, ao menos por enquanto.

Referências Bibliográficas

- BOLTER, Jay David. *Writing space. The computer, Hypertext and the History of writing*. New Jersey: Hillsdale, 1991.
- KEEP, Christopher & MCLAUGHLIN, Tim. *Beginning and Ending a Hyperbook: Possibilities for Authors*. <http://web.uvic.ca/ckkeep/hf10130.html>, 1995.
- SHUMATE, Michael A. *Writing lives. Technology, Creativity and Hypertext Fiction*. <http://www.duke.edu/mshumate/fiction/htt/mals.html>, 1996.